



CHAMADA DE FRENTE
CAPOEIRA ANGOLA

CANTIGA
MESTRE PASTINHA

“Na minha academia tenho “dois menino” Todos dois se chama João Um é cobra mansa E o outro é gavião Quando um anda “pelos ar” O outro se enrosca pelo chão, camaradinho”

“Bahia, minha Bahia, Bahia do Salvador, Quem não conhece Capoeira, Não lhe pode dar valor. Todos podem aprender, General e até Doutor, Mas, p’ra isso é necessário, Procurar um Professor”

GLOSSÁRIO
MANDINGUEIRO Capoeirista ladino, cheio de negaças e truques
CAMADÉ GATO Armadilha outocaila para outro capoeirista

PARA USAR NA ESCOLA

As aulas de artes poderão não ser mais as mesmas. Vamos preparar um documentário sobre a vida desse mestre? Só o projeto de pesquisa é suficiente para animar a turma e exercitar várias linguagens. A ideia é apropriada para turmas do 1º ano do ensino médio. Uma questão que pode direcionar o projeto é a principal característica da Capoeira Angola. O primeiro capítulo dessa história é a vida de mestre Pastinha. Os alunos podem realizar entrevistas com familiares e seus discípulos. Uma aula interativa e interessante é a visita a alguma associação de Capoeira Angola, onde os alunos vão tentar identificar os elementos que caracterizam este estilo – o ritmo, os cantos, os instrumentos, os golpes, enfim, os seus símbolos. A partir daí, a tecnologia será uma grande aliada. De posse do material de pesquisa, vamos aos laboratórios de informática e estimular que os alunos deem asas ao uso da criatividade. Dividida em grupos, a turma deve começar a planejar como será formatado o documentário. O tipo de narrativa pode ser uma ponte para as aulas de português. É necessário também indicar quem vai fazer parte da produção, roteiro e direção. Os alunos podem também decidir se irão ter intérpretes para os personagens. A escolha dos papéis, por exemplo, já é garantia de uma divertida sessão.

PARA SABER MAIS

- Capoeira Angola (Mestre Pastinha, 1988)
- Pastinha! Uma vida pela capoeira (Antônio Carlos Murty, 1998)
- Site Portal da Capoeira <http://portalcapoeira.com>



DISCÍPULO
MESTRE JOÃO PEQUENO DE PASTINHA

“Ele pediu para eu tomar conta da capoeira para o nome dele não desaparecer”

MESTRE JOÃO PEQUENO DE PASTINHA

MESTRE PASTINHA

Vicente Joaquim Ferreira Pastinha
★ 05.04.1889
† 13.11.1981



ACERVO

Em manuscritos, mestre Pastinha deixou ensinamentos sobre sua arte. Objetos pessoais dele, como o passaporte, bengala, dentre outros, pertencem ao discípulo, mestre Gildo Alfinete



PERSISTÊNCIA

Praticantes de capoeira desde a infância, os dois mestres fizeram história e revolucionaram os estilos que optaram praticar. Pastinha codificou o que ficaria conhecida como Capoeira Angola. Já Bimba criou a Capoeira Regional

A persistência em defender sua arte e a falta de reconhecimento no final da vida une as histórias das maiores referências da capoeira: mestres Pastinha e Bimba.

O primeiro optou por preservar os conhecimentos que obteve, desde o início da prática, e foi responsável por instituir regras que formalizaram o ensino. Defendia o jogo rasteiro e malicioso dos seus antepassados.

CAPOEIRA AINDA NA INFÂNCIA

Pastinha ainda tinha 10 anos e morava na Rua do Tijolo, 2, Centro Histórico, quando um africano chamado Benedito, após vê-lo tomar uma surra de um garoto, ensinou-lhe a arte da defesa e do ataque

VIDA DEDICADA À CARREIRA ARTÍSTICA

Aprendeu música e pintura na Escola de Aprendizes de Marinheiro, onde ficou dos 12 aos 20 anos. Nunca deixou de pintar e escrever poesias. Seu passatempo predileto era uma rodada de dominó

Pastinha : o mestre dos gestos ágeis e da boa prosa

MEIRE OLIVEIRA

A voz mansa, os movimentos ágeis com o corpo e longas histórias eram os instrumentos de transmissão do conhecimento que ia além das rodas. O projeto de mestre Pastinha consistia no desenvolvimento pleno do indivíduo, além do fortalecimento e preservação da essência da Capoeira Angola. Aos discípulos, hoje espalhados pelo mundo, pregava que a virtude de um bom capoeirista era dominar-se para ter controle sobre o oponente. Agregado a isso teria que ser “disfarçado, calculista, ladino, malicioso” para combater a força de um adversário. O princípio básico para isso era a ginga, um balé suave com braços e pernas, jogados de um lado e outro com aparência dispersa. O balanço do corpo que ia e voltava em várias direções eram estratégicos. Pastinha distraía, enganava e deixava o adversário vulnerável. Era a forma de estudar o outro, identificar o ponto fraco e, em seguida, atingi-lo com precisão. Ou marcar o camarada onde ele seria tocado e finalizar com um sorriso exibindo superioridade. Ao mesmo tempo o enfrentamento também era baseado na lealdade ao outro e obediência às regras do jogo como garantia de uma prática universal e sem violência. Um seguidor dos ensinamentos de Pastinha não provoca briga, mas também não apanha. A exigência era outra marca do capoeirista que tinha um guarda-chuva sempre apoiado no braço em tempo de chuva ou sol e o terno branco de linho que permanecia alvo mesmo após um jogo, pois capoeirista só suja as mãos. Seus alunos não jogavam descalços ou sem camisa. Todos tinham carteirainha e cadastro em um livro de atas, com nomes co-

mo o artista Tom Zé. No uniforme de gala – camisa amarela e a calça de tergal preta – trazia a homenagem ao Ypiranga Futebol Clube e, no peito, o desenho bordado identificava o olhar do mestre sobre o estilo de cada aluno. A receptividade era acompanhada de desconfiança. As informações eram dosadas e personalizadas de acordo com o crivo do mestre para cada aluno. A condição era o preparo de cada um para obter determinado conhecimento. Pastinha observava muito e falava pouco. Os assuntos eram variados e iam de conselhos aos efeitos medicinais das folhas. Mas para ser bom mestre o caminho era mais longo. Era necessário ser completo “nos fundamentos do esporte”: jogar, cantar, tocar e dominar as regras, os rituais de comportamento e as artimanhas da capoeira. A cobração não deixou de existir nem no final da vida, quando já debilitado pela cegueira continuava a frequentar as aulas. Sentia e consentava o movimento do aluno pelo vulto e, não raro, interrompia a aula ao perceber que qualquer instrumento não estava sendo tocado do jeito que ensinara. E assim Pastinha seguiu até que sua condição financeira foi piorando após a deficiência visual. Contou com a ajuda de seus alunos que faziam apresentações e lhe davam a renda e amigos que fez ao longo da trajetória como o escritor Jorge Amado, o pintor Carybé, dentre outros. Após algumas decepções por conta do mau tratamento recebido da sociedade baiana ao final de uma vida dedicada à capoeira, Pastinha morreu como interno do abrigo D. Pedro II.

Fonte: MESTRES JOÃO GRANDE, JOÃO PEQUENO, GILDO ALFINETE, CURIÓ, JANIA E BOLA SETE

ACERVO



VIDA EM PROL DA PRESERVAÇÃO E DEFESA DA ARTE DE GINGAR

O segundo, também com a mesma formação, preferiu inovar. Reuniu golpes de outras lutas e criou outro estilo: a regional. Sua ousadia já lhe rendeu o título póstumo de doutor honoris causa da Ufba, pelos

serviços prestados à cultura baiana. No entanto, eles não colheram frutos do legado que deixaram. Considerados referência nos caminhos que trilham, ambos terminaram a vida sem o devido reconhecimento.

ESPORTE NACIONAL

Em 23 de julho de 1953, mestre Bimba é cumprimentado no Palácio do Governo pelo então presidente da República Getúlio Vargas, que declara: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”

SEMPRE ALERTA

Ao encontrar com Bimba em um elevador, um ex-aluno foi repreendido por entrar no local sem averiguar quem estava atrás. “Você gastou o seu dinheiro à toa, pois já vi que não aprendeu nada comigo”, resmungou

Bimba: mestre educador nato e visionário da capoeira

JULIANA BRITO

Manoel dos Reis Machado já nasceu dividindo opiniões. O apelido Bimba (nome popular do órgão sexual masculino em crianças) foi fruto de uma aposta entre a mãe e a parteira sobre o sexo do bebê. Essa última ganhou a disputa e o pequeno Manoel um apelido que o acompanharia pela vida. Mestre Bimba foi mesmo um protótipo de virilidade. Alto, forte e destemido, ficou famoso na capital baiana pelo carisma que tinha com as mulheres - chegou a manter quatro esposas simultaneamente - e devido, especialmente, à criação de uma modalidade mais vigorosa de capoeira, com golpes mais altos e ágeis, que ficou conhecida como capoeira regional. O método ainda incluía rituais até então inexistentes como as cerimônias de batismo e de formatura. A invenção de Bimba gerou, à época, críticas de seus pares. Muitos julgaram a luta regional como uma descaracterização da capoeira. Mas essa não era a única polêmica em torno de mestre Bimba, que também foi acusado de embranquecer o jogo criado por negros escravos. “Ele enegrecer o branco”, defende o doutorando em História Social, Jaime Sodré.

Mas, entre os que conheceram o pai da luta regional, a característica que mais provoca nostalgia é a sua verve nata de educador. Apesar de reservado, o capoeirista sempre tinha um conselho para oferecer a quem o procurasse. O mestre também adorava citar máximas populares, a fim de transmitir lições de vida a seus discípulos. Na roda e em casa, o ex-estudante era rígido quanto aos estudos dos jovens. Marinalva Nascimento Machado, a Nalvinha, e o irmão, Manoel Nascimento Machado, o mestre Nenel, são dois dos 12 filhos do capoeirista. A imagem que guardam de Bimba é de um pai carinhoso. “A melhor recordação que tenho é da nossa infância, quando chegava do trabalho e brincava bastante com a gente”, lembra Nalvinha. A despeito de ter sido um exímio lutador, mestre Bimba detestava desordem. Não estimulava seus alunos a briga, que considerava “coisa de otário”. Mas era enfático sobre a importância de estar alerta à presença inimiga. Uma das técnicas que desenvolveu, neste sentido, foi a emboscada. Ironicamente, a única emboscada a qual o mestre sucumbiu foi fatal, criada pelo seu próprio orgulho. Desiludido com a falta de reconhecimento na Bahia e ao mesmo tempo deslustrado com o tratamento que recebera em viagem a Goiânia, decidiu mudar-se para a capital de Goiás em 1972. Em pouco tempo percebeu que fora ludado, mas não estava disposto a dar o braço a torcer. “Se não gozar nada em Goiânia, vou gozar do cemitério”, dizia. A profecia cumpriu-se em 5 de fevereiro de 1974, quando mestre Bimba “morreu de banzo”.

O talento visionário do mestre também é notório. “Ele é um modernizador e por isso cria a capoeira regional baiana com o nome de luta regional para adaptá-la à nova era dos esportes”, observa o doutor em história, Carlos Eugênio Líbano.

Fonte: JAIME SODRÉ, CARLOS EUGÊNIO LÍBANO, MARINALVA NASCIMENTO MACHADO E MESTRE NENEL

MESTRE BIMBA

Manoel dos Reis Machado
★ 23.11.1899
† 05.02.1974



CARINHO

“Guardo a lembrança de um pai muito carinhoso”

MESTRE NENEL, um dos 12 filhos biológicos de mestre Bimba, o criador da capoeira regional



Fotos Gildo Lima / Ag. A TARDE

MARTELO

CAPOEIRA REGIONAL



CANTIGA
AUTOR DESCONHECIDO

“Coração bate mais forte Que deixa marca levar Berimbau bem amarrado De beriba prepara Com dois pandeiros de couro De pele bem esticada É roda de regional Com três palmas bem marcadas Camará... água de bebê (Êêê água de bebê, camará) É aruande (Êêê aruande, camará) Olha Bimba deus do céu (Êêê Bimba deus do céu, camará) Iê viva meu mestre (Êêê viva meu mestre, camará)”

GLOSSÁRIO
CANTO AMARRADO Cantolento, mandrão
CAPOEIRASOLTEIRO Só joga. Não toca berimbau nem canta

PARA USAR NA ESCOLA

Vamos ao nosso próximo ícone, o Mestre Bimba: “É na Palma de Bimba, é 1,2,3, é na palma de Bimba, é 1,2,3...”. Vamos incentivar uma viagem dos nossos alunos pelo universo do mestre que criou a chamada Capoeira Regional. Que tal uma peça teatral sobre a vida, o estilo e as biografias dos seus mais famosos discípulos? O perfil traçado por esta matéria nos auxilia na composição. Claro que precisaremos de uma pesquisa ampla sobre as peculiaridades do tema. A Capoeira Regional de Bimba é uma das responsáveis pelo crescente número de adeptos e difusão mundial. Vamos nos debruçar sobre a Capoeira Regional: o que é? Qual é o seu ritmo? Quais os seus cantos e golpes? Quais são as suas principais diferenças em relação à Capoeira Regional? A turma poderá navegar, investigar, criar, atuar e desenvolver o seu projeto de apresentação por meio dessa linguagem artística chamada teatro. Os professores de história, português, artes e educação física poderão fazer uma bela parceria para desenvolver o projeto. Valem visitas a academias que praticam a Capoeira Regional e convite a mestres da modalidade para discutir o assunto. O bate-papo pode ser numa academia para torná-lo ainda mais interessante. Em seguida, é partir para a montagem do espetáculo com muita criatividade.

PARA SABER MAIS

- Mestre Bimba – A capoeira iluminada (Luiz Fernando Coullart, 2005)
- Mestre Bimba – Corpo de mandinga (Muniz Sodré, 2002)

12

Idade que inicia na capoeira, na Estrada das Boiadas, com o africano mestre Bentinho, capitão da Cia. de Navegação Bahiana. O grito “Bimba é bamba” surgiu das lutas com praticantes de artes marciais

Também conhecido como Rei Negro, mestre Bimba nasceu no bairro do Engenho Velho de Brotas

1930

Abertura da sua academia, a primeira de capoeira na história. O alvará só saiu em 9/7/1937. O filho de Maria Martinha do Bonfim e Luiz Cândido Machado começou a ensinar aos 18 anos

ACERVO



O berimbau foi feito pelo mestre Bimba. O facão, de acordo com o seu filho Nene, era utilizado na confecção dos instrumentos e nas aulas do curso de especialização que engloba o manuseio de armas

CARINHO

“Guardo a lembrança de um pai muito carinhoso”

MESTRE NENE, um dos 12 filhos biológicos de mestre Bimba, o criador da capoeira regional



Fotos Gildo Lima / Ag. A TARDE

MARTELO

CAPOEIRA REGIONAL



CANTIGA

AUTOR DESCONHECIDO

**“Coração bate mais forte
Que deixa marca
levar
Berimbau bem amarrado
De beriba prepara
Com dois pandeiros de couro
De pele bem esticada
É roda de regional
Com três palmas bem marcadas
Camará...aguá de bebê (Êêêê aguá de bebê, camará)
É aruande (Êêêê aruande, camará)
Olha Bimba deus do céu (Êêêê Bimba deus do céu, camará)
Lê viva meu mestre (Êêêê viva meu mestre, camará)”**

GLOSSÁRIO

CANTO AMARRADO Cantolento, monótono
CAPOEIRA SOLTEIRO Só joga. Não toca berimbau nem canta

PARA USAR NA ESCOLA

Vamos ao nosso próximo ícone, o Mestre Bimba: “É na Palma de Bimba, é 1,2,3, é na palma de Bimba, é 1,2,3...”. Vamos incentivar uma viagem dos nossos alunos pelo universo do mestre que criou a chamada Capoeira Regional. Que tal uma peça teatral sobre a vida, o estilo e as biografias dos seus mais famosos discípulos? O perfil traçado por esta matéria nos auxilia na composição. Claro que precisaremos de uma pesquisa ampla sobre as peculiaridades do tema. A Capoeira Regional de Bimba é uma das responsáveis pelo crescente número de adeptos e difusão mundial. Vamos nos debruçar sobre a Capoeira Regional: o que é? Qual é o seu ritmo? Quais os seus cantos e golpes? Quais são as suas principais diferenças em relação à Capoeira Regional? A turma poderá navegar, investigar, criar, atuar e desenvolver o seu projeto de apresentação por meio dessa linguagem artística chamada teatro. Os professores de história, português, artes e educação física poderão fazer uma bela parceria para desenvolver o projeto. Valem visitas a academias que praticam a Capoeira Regional e convite a mestres da modalidade para discutir o assunto. O bate-papo pode ser numa academia para torná-lo ainda mais interessante. Em seguida, é partir para a montagem do espetáculo com muita criatividade.

PARA SABER MAIS

Mestre Bimba – A capoeira iluminada (Luiz Fernando Coullart, 2005)

Mestre Bimba – Corpo de mandinga (Muniz Sodré, 2002)

M PROL DA RVAÇÃO E A DA ARTE GAR

O segundo, também com a mesma formação, preferiu inovar. Reuniu golpes de outras lutas e criou outro estilo: a regional. Sua ousadia já lhe rendeu o título póstumo de doutor honoris causa da Ufba, pelos

serviços prestados à cultura baiana. No entanto, eles não colheram frutos do legado que deixaram. Considerados referência nos caminhos que trilham, ambos terminaram a vida sem o devido reconhecimento.

ESPORTE NACIONAL

Em 23 de julho de 1953, mestre Bimba é cumprimentado no Palácio do Governo pelo então presidente da República Getúlio Vargas, que declara: “A capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”

SEMPRE ALERTA

Ao encontrar com Bimba em um elevador, um ex-aluno foi repreendido por entrar no local sem averiguar quem estava atrás. “Você gastou o seu dinheiro à toa, pois já vi que não aprendeu nada comigo”, resmungou

Bimba: mestre educador nato e visionário da capoeira

JULIANA BRITO

Manoel dos Reis Machado já nasceu dividindo opiniões. O apelido Bimba (nome popular do órgão sexual masculino em crianças) foi fruto de uma aposta entre a mãe e a parteira sobre o sexo do bebê. Essa última ganhou a disputa e o pequeno Manoel um apelido que o acompanharia pela vida.

Mestre Bimba foi mesmo um protótipo de virilidade. Alto, forte e destemido, ficou famoso na capital baiana pelo carisma que tinha com as mulheres - chegou a manter quatro esposas simultaneamente - e devido, especialmente, à criação de uma modalidade mais vigorosa de capoeira, com golpes mais altos e ágeis, que ficou conhecida como capoeira regional. O método ainda incluía rituais até então inexistentes como as cerimônias de batismo e de formatura.

A invenção de Bimba gerou, à época, críticas de seus pares. Muitos julgaram a luta regional como uma descaracterização da capoeira. Mas essa não era a única polêmica em torno de mestre Bimba, que também foi acusado de embranquecer o jogo criado por negros escravos. “Ele enegreceu o branco”, defende o doutorando em História Social, Jaime Sodré.

Mesmo com pouca instrução e um histórico de trabalhos braçais, mestre Bimba destacou-se, paradoxalmente, pela inteligência incomum. Os métodos desenvolvidos para a criação da capoeira regional até hoje impressionam quem os conhece.

O talento visionário do mestre também é notório. “Ele é um modernizador e por isso cria a capoeira regional baiana com o nome de luta regional para adaptá-la à nova era dos esportes”, observa o doutor em história, Carlos Eugênio Libano.

Mas, entre os que conheceram o pai da luta regional, a característica que mais provoca nostalgia é a sua verve nata de educador. Apesar de reservado, o capoeirista sempre tinha um conselho para oferecer a quem o procurasse. O mestre também adorava citar máximas populares, a fim de transmitir lições de vida a seus discípulos.

Na roda e em casa, o ex-estudante era rígido quanto aos estudos dos jovens. Marinalva Nascimento Machado, a Nalvinha, e o irmão, Manoel Nascimento Machado, o mestre Nene, são dois dos 12 filhos do capoeirista. A imagem que guardam de Bimba é de um pai carinhoso. “A melhor recordação que tenho é da nossa infância, quando chegava do trabalho e brincava bastante com a gente”, lembra Nalvinha.

A despeito de ter sido um exímio lutador, mestre Bimba detestava desordem. Não estimulava seus alunos a briga, que considerava “coisa de otário”. Mas era enfático sobre a importância de estar alerta à presença inimiga. Uma das técnicas que desenvolveu, neste sentido, foi a emboscada.

Ironicamente, a única emboscada a qual o mestre sucumbiu foi fatal, criada pelo seu próprio orgulho. Desiludido com a falta de reconhecimento na Bahia e ao mesmo tempo deslumbrado com o tratamento que recebera em viagem a Goiânia, decidiu mudar-se para a capital de Goiás em 1972. Em pouco tempo percebeu que fora iludido, mas não estava disposto a dar o braço a torcer. “Se não gozar nada em Goiânia, vou gozar do cemitério”, dizia. A profecia cumpriu-se em 5 de fevereiro de 1974, quando mestre Bimba “morreu de banzo”.

FONTES: JAIME SODRÉ, CARLOS EUGÊNIO LIBANO, MARINALVA NASCIMENTO MACHADO E MESTRE NENE

MESTRE BIMBA

Manoel dos Reis Machado

★ 23.11.1899

† 05.02.1974



12

Idade que inicia na capoeira, na Estrada das Boiadas, com o africano mestre Bentinho, capitão da Cia. de Navegação Bahiana. O grito “Bimba é bamba” surgiu das lutas com praticantes de artes marciais

Também conhecido como Rei Negro, mestre Bimba nasceu no bairro do Engenho Velho de Brotas

1930

Abertura da sua academia, a primeira de capoeira na história. O alvará só saiu em 9/7/1937. O filho de Maria Martinha do Bonfim e Luiz Cândido Machado começou a ensinar aos 18 anos